



Enquanto no plenário quase vazio Sandra Cavalcanti reclama do "domínio dos ausentes", integrantes do "bloco dos ausentes" dirigem-se apressadamente para o aeroporto



Júlio Tajes

Constituintes voam. Plenário irrita-se

BRASÍLIA
AGÊNCIA ESTADO

Quem manda na Constituinte, quem está definindo as questões mais importantes, é o "bloco dos ausentes". A frase foi da deputada Sandra Cavalcanti (PFL-RJ), visivelmente irritada, durante seu discurso na sessão matutina de ontem da Constituinte.

"Esta Assembleia Nacional está sendo governada e tendo as suas grandes decisões — disse Sandra, dirigindo-se ao presidente da sessão, senador Mauro Benevides — definidas por aqueles que v. exa., do alto da mesa diretora, não consegue enxergar no plenário. Estamos sob o domínio dos ausentes."

Verdade: do alto da mesa, Benevides via, naquele momento, 10 horas da manhã, uma hora depois de iniciada a sessão, minguidos cem constituintes e uma vastidão infundável de cadeiras vazias. A chamada eletrônica, alguns momentos

mais tarde, com a chegada de parlamentares que ainda estavam nos seus gabinetes, registrou a presença de 149 constituintes. Mais sete, que chegaram esbaforidos depois de encerrada a chamada, ainda deram um jetinho de incluir os seus nomes na lista, perfazendo o total de 154. Sem o mínimo de 280, exigido para as deliberações, a sessão teve de ser encerrada. O vice-líder do PFL, Inocêncio Oliveira, atribuiu a culpa à "intransigência" do deputado Eduardo Bonfim (PC do B-AL), que se recusa a retirar "um destaque que não leva a nada". Trata-se do destaque que pede a retirada da expressão "dois terços" do dispositivo já aprovado que permite à Câmara dos Deputados aprovar, por maioria de 2/3, moção de censura a ministros de Estado com força de ato de exoneração. Retirada a expressão, ficaria apenas "maioria dos deputados", o que os presidencialistas argumentam que "implodiria o sistema". Para manter a expressão "dois terços", os presidencialistas preci-

sariam, no entanto, dos tais 280 votos. Pronto: impasse criado.

"Ora — rebateu o deputado Fernando Santana (PCB-BA) — quem põr a culpa na falta de acordo. Pois eles, que colocaram aqui 344 constituintes para aprovar o presidencialismo, que coloquem 280 para rejeitar ou aprovar o que quiserem. Vamos decidir no voto, não por acordo."

UMA SOLUÇÃO

O deputado Adroaldo Streck (PDT-RS) — a bem da verdade, um dos mais assíduos no plenário — encaminhou então à Mesa projeto de resolução oferecendo uma solução para o problema das ausências crônicas: a convocação automática, pela Constituinte, do suplente do titular que faltar a três sessões consecutivas ou cinco intercaladas durante um mês, salvo em caso de doença ou força maior justificadas. O suplente permaneceria no exercício do mandato por 30 dias corridos.

Sandra Cavalcanti voltou a car-

ga: foi "um escândalo" fazer-se tanta festa, na superterça, quando se alcançou o quórum de 559 constituintes — todos — na votação do sistema de governo que deu a vitória ao presidencialismo. Uma presença que, aliás, é mera obrigação. E é "um escárnio para o povo brasileiro", acusou ela, a Constituinte estar com os trabalhos tão atrasados porque quem manda na Casa são os que lá não estão. "E, se estão em Brasília, ficam pelos corredores ministeriais. Não trabalhando para o País, mas pelos seus interesses pessoais, por suas carreiras políticas, ou a serviço do governo, formando o 'Bloco do Planaltão', que só se junta para decidir contra os interesses da Nação", fulminou Sandra.

FORÇA DIVINA

Só com muita ajuda da Providência Divina a Constituinte poderá concluir os seus trabalhos e promulgar a futura Carta no dia 21 de abril, como quer Ulysses Guimarães, profetiza o deputado Jorge Arbage. "A força terrena já foi descar-

tada", desconsola-se ele, concordando com o deputado José Thomaz Nonó, que, mais pessimista ainda, acha que "nenhuma força, terrena ou divina", fará com que o tão esperado texto fique pronto em menos de um mês. Mesmo aberta por Arbage com a invocação "Sob a proteção de Deus e em nome do povo brasileiro iniciamos os nossos trabalhos", a sessão de ontem não foi além do pinga-fogo, com pronunciamentos para votações. O deputado Paulo Delgado chegou a apresentar uma breve estatística, mostrando que, das 319 votações já realizadas, só cinco registraram quórum superior a 500 constituintes. Foi na votação do projeto de alteração do regimento interno, do substitutivo do Centro ao projeto da Carta, da demissão imotivada, da redução da jornada de trabalho para 44 horas semanais, e na votação da emenda Humberto Lucena que instituiu o presidencialismo como sistema de governo.

PSICODELISMO

Voltando a pôr em moda uma expressão muito anos-60, José Thomaz Nonó aproveitou a falta de assunto para "bordar" sobre o texto já produzido da nova Constituição. Uma Carta que vem sendo produzida "de maneira muito artesanal, através de fusões que pegam um substantivo de alguma emenda, um adjetivo de outra e um verbo de uma terceira", numa verdadeira "costura psicodélica". Mas "muito ao gosto de Ulysses Guimarães", em sua opinião. Encorajados pelo colega, o senador Mário Maia e o deputado Farabulini Júnior resolveram dar a sua contribuição ao "psicodelismo" da sessão. Farabulini decidiu comemorar, ainda que tardiamente, a vitória da emenda presidencialista, "a ser cantada em prosa e verso". E Maia, subitamente inspirado, recitou a fábula de Esopo "O lobo e o cordeiro". Atribuindo o desagradável papel de lobo evidentemente aos parlamentaristas.



Sidney Corrêa

Ulysses: paciência

Ulysses pede paciência aos descontentes

O deputado Ulysses Guimarães, presidente nacional do PMDB, fez ontem, em São Paulo, um apelo em favor da unidade do partido. Ele admitiu que grande parte do PMDB está inquieto, depois da aprovação da emenda presidencialista, mas recomendou a todos que aguardem até o final da elaboração da nova Carta, lembrando que o partido tem compromissos com a Constituinte. Até lá, segundo Ulysses, não devem haver "fricções" ou problemas que atrapalhem os trabalhos constituintes.

Ulysses Guimarães esteve à tarde no Palácio dos Bandeirantes, onde conversou com o governador Orestes Quércia por mais de uma hora. O próprio Ulysses revelou que Quércia também tem mantido contato com outros peemedebistas, tentando evitar a ruptura partidária. "O partido é como uma família, que tem momentos gloriosos, mas também tem dificuldades quando alguém pensa em se divorciar. Se esse alguém val embora, é porque a família não significa nada", comparou.

Bem-humorado, o deputado também usou outra imagem para ilustrar os problemas internos do PMDB, recordando seus tempos de presidente do Santos Futebol Clube. Naquela época, explicou, existiam os chamados "sócios da vitória", que só apareciam quando o time estava bem. Nas derrotas, rasgava-se a carteirinha, contou, esperando de que os peemedebistas não rasgassem a sua carteirinha nesse momento.

Segundo o deputado, os trabalhos constituintes vão terminar praticamente na mesma época da convenção nacional do PMDB, para ele, o fórum ideal para se discutir as questões partidárias. Ainda na tentativa de "acalmar" o PMDB, Ulysses evitou qualquer comentário sobre a campanha por eleições presidenciais este ano, proposta por alguns governadores do partido. "Eu sou o presidente do partido e não tive qualquer informação sobre isso."

O deputado disse ainda que vai propor uma série de medidas para apressar os trabalhos constituintes, como a convocação de sessões para os finais de semana e a extensão dos horários de trabalho até a noite. Também fez outro apelo em favor de comparecimento dos constituintes ao plenário, acrescentando que "gostaria de evitar" medidas punitivas.



Epidácio Pessoa

Montoro: em dúvida

Montoro quer depurar antes de reconstruir

Embora decepcionado com os acontecimentos da semana na Constituinte — considerando "lamentáveis" as barganhas e pressões que ocorreram para aprovação do presidencialismo — o ex-governador Franco Montoro ainda tem esperanças de reconstruir o PMDB, desta vez "depurando o partido", para manter somente as pessoas que têm afinidade com o compromisso histórico do PMDB.

Em sua opinião, a única luz que aparece no momento são as convenções municipais, que acontecerão amanhã, nos quatro mil diretórios. "A luta será no sentido de conseguir maioria nas convenções, para combater os partidários do Centro, que no momento é o que existe de mais conservador e reacionário no País."

O objetivo é tirar medidas concretas para combater a política fisiológica, implantada, segundo Montoro, pelo grupo de políticos da antiga Arena e PDS, "que usam o rótulo do PMDB somente para lutar por interesses pessoais. Precisamos de uma reestruturação urgente", disse o ex-governador, que atribuiu essa divisão do partido ao inchaço que a legenda sofreu levando a bandeira de uma ampla frente democrática: "Com as convenções, vamos tentar resgatar nosso compromisso histórico."

Montoro sugere que em cada reunião sejam organizadas comissões de estudo, para tirar sugestões, para uma política de seriedade, descentralização, participação da comunidade, prioridades sociais e definição de um projeto nacional de desenvolvimento.

Montoro vê somente dois caminhos para o futuro de seu partido: ou o grupo conservador e fisiológico sai, ou os históricos continuam sua luta em outra legenda. A formação de outro partido, portanto, é uma alternativa que alguns políticos do PMDB cogitam para continuar a defender suas idéias.

A unidade partidária, que alguns peemedebistas pregam, é indesejável pelos históricos. Segundo Montoro, com o quadro partidário atual é impossível pensar em uma união: "Não vamos nos unir em torno de pessoas que usam a política do 'é dando que se recebe'. O partido é apenas um meio para se atingir os objetivos finais, que na nossa opinião são concentrados na luta pela retomada de uma vida democrática no País. Se não for possível no PMDB, lutaremos por isso em uma nova legenda."



15/3/88

Richa: ameaças

Covas e Richa vão romper com Sarney

AGÊNCIA ESTADO
E SERVIÇO LOCAL

Os "autênticos" do PMDB, liderados pelos senadores Mário Covas e José Richa, anunciarão seu rompimento formal com o governo Sarney nos próximos dias. Ao mesmo tempo, vão elaborar um documento para o PMDB contendo propostas para as questões políticas e econômicas.

A informação foi dada ontem, em Curitiba, pelo prefeito Roberto Requião, que almoçou na véspera com o senador Richa, em São Paulo. Plenamente de acordo com a reação dos "autênticos", Requião afirmou que "o partido precisa ir fundo em suas questões mais sérias, partindo para propostas que realmente contenham soluções para o País".

Em São Paulo, José Richa disse ontem que não acredita na fidelidade ao governo dos constituintes que garantiram o presidencialismo e os cinco anos para os futuros presidentes da República. O governo está cada vez mais impopular e é a partir desta análise que ele prevê a reversão do quadro político e aprovação dos quatro anos de mandato para Sarney.

O senador está descontente com o PMDB, mas ainda não decidiu se deixará ou não o partido. Nas reuniões que tem participado nos últimos dias está havendo, segundo ele, uma tendência de tentar recuperar o PMDB, coisa que Richa pessoalmente não acredita ser mais possível.

"A legenda está completamente descaracterizada, pois a maioria dos que votaram pelos cinco anos é peemedebista, e isso é intolerável", disse Richa. No momento, ele prefere estar solidário com os que pretendem refazer o PMDB. "Mas, se não der certo, teremos de sair."

O documento que será divulgado pelos "autênticos" provocará mudanças profundas na política do País, segundo previsão do prefeito Roberto Requião. Ele acredita que haverá um fato novo, capaz de aglutinar novos aliados aos "autênticos". "Ganharemos sangue novo", disse, ao insistir na tese de que o PMDB deve agir para recuperar o prestígio popular que tinha até 1986. Ao comentar as articulações dos "autênticos", Requião concluiu: "De nada adianta dizer que o Sarney é feio e que o Antônio Carlos Magalhães é malcriado."